

Tarsila Di Portinari

O Clone Artista

Se as modernas técnicas genéticas, que conseguiram a clonagem, pudessem reunir em um só ser o material genético de várias pessoas, poderiam criar a melhor representação da arte pictórica brasileira, reunindo em um espetacular personagem, feminino, claro, Di Cavalcanti, Portinari e Tarsila do Amaral. Esta mulher, assim criada, seria bela, por ser brasileira, seria vanguardista como Tarsila, teria a humildade esperta do caipira e o humanismo de Portinari e a boemia de Di Cavalcanti. Mas seria sobretudo, inteligente e corajosa. Seria aberta ao mundo mas com a visão de quem aqui nasceu. Estaria sempre a favor dos menos favorecidos, mas sem esperar retribuição por isso.

Acreditaria fortemente em suas convicções e as poderia mudar se convencida fosse por argumentos, nunca por pressões.

Essa maravilhosa personagem, se o espaço-tempo fosse por mágica ou por ciência esquecido, por certo seria amiga de Vinicius de Moraes e como ele viveria intensas paixões. Seria também amiga de Mario de Andrade e Oswald de Andrade, escreveria em "O Pasquim", seria irmã do Henfil, adoraria a poesia de Chico Buarque, e no movimento estudantil pós 64 estaria do lado certo e saberia mudar quando o que parecia certo se revelasse errado.

Adoraria Villa-Lobos e Rita Lee. Leila Diniz seria sua confidente. Quando jovem seria Hippie e mais tarde se tornaria professora universitária. Teria assinado o manifesto da Semana de Arte Moderna de 22. O dinheiro lhe seria

um meio, nunca um fim. Se não tivesse nascido em um laboratório, teria nascido no interior de São Paulo, mas teria estudado no Rio e em São Paulo e por certo teria conhecido e vivido a Europa onde desenvolveria sua sensibilidade e conheceria o Existencialismo, mas para cá voltaria.

Mas o que Tarsila Di Portinari realizaria de mais importante seria promover mudanças. A procura do novo na terra Tupiniquim. Esse privilegiado material genético desenvolveria um ser muito complexo, grandioso, que nós simples homens limitados intelectualmente não conseguiríamos entender com facilidade. Seria, claro, artista, uma pintora, mas a sua obra não seria inteligível senão em 200 anos. Um crítico de arte que também era psicanalista diria que para entender Tarsila Di Portinari, deveríamos dividi-la em suas partes formadoras e estudar o seu passado. Dividir o que espetacularmente foi reunido. Tarsila Di Portinari voltaria a ser 3 como Macunaíma era 2. E o psicanalista-crítico de arte começou a estudar a parte Portinari do clone Tarsila Di Portinari.

A terra, chamada roxa, nos pés dos trabalhadores era suja como qualquer outra. A falta de sapato demonstrava a pobreza que é sempre triste, mas muito mais triste quando é vista em quem trabalha, e pesadamente. Mas naquela fazenda, a pobreza não se revelava sem dignidade. Existia a força e a coragem, que o trabalhador brasileiro simples mantém até hoje.



PORTINARI: Retirantes 1944

Numa manhã clara do princípio do século, o garoto, filho de imigrantes italianos, assistia ao trabalho no tanque de lavar o café. Sentia o leve frescor da água respingada sob o sol inclemente do interior de São Paulo. A água separava o café que boiava, das pedras que iam ao fundo. As grandes peneiras jogavam o café para o alto e emitiam um barulho de chocalho, enquanto o café era limpo de folhas, gravetos, terra e grãos de má qualidade. Depois de lavado, o café era levado para o terreiro, onde esparramado e cobrindo todo o chão de pedras, era submetido à ação do sol para secar. O trabalho interminável do rastelo formava desenhos regulares, com linhas paralelas que sempre mudavam de posição, para ainda assim parecer tudo

igual. Os braços fortes dos trabalhadores nas peneiras e nos terreiros justificavam o nome que recebia sua nobre e nunca valorizada função de “Trabalhadores Braçais”. O trabalho era pesado, mas realizado com uma intrigante suavidade, dada pela lentidão dos movimentos intensos, suados, precisos, mas acompanhados da desesperança de homens que não conheciam seu futuro e de suas famílias. Eles eram “Os Retirantes”, pobres viajantes dentro de sua própria terra, que agora ali trabalhavam, mas sabiam não ser este o seu lugar. A colheita terminaria e com ela o seu sustento. Teriam que procurar um novo lugar, com a vaga esperança de que fosse um lugar melhor. A procura da “Terra Prometida dos Sem Tradição”, dos que não possuíam um Deus próprio nem escrituras para lhes dar esperança e mostrar o caminho que desconfiavam que talvez nunca fosse encontrado.



PORTINARI: Café 1935

O garoto, de 9 anos, Cândido Portinari, assistia ao trabalho e gravava as cenas em sua memória. Gostava de andar sobre os grãos de café, sentindo o

movimento das sementes sob o pé, também descalço, não por necessidade, mas por molecagem.

Lá em cima, na frente da Grande Casa Azul de Pilares, o Coronel observava a tudo, vestido com sua roupa cáqui, muito limpa, contrastando com o fundo azul da casa e do céu. As pernas da calça por dentro de uma respeitosa bota de cano alto lhe davam autoridade incontestada, mas a sua face morena mostrava bondade. Era um homem querido e que não se satisfazia ou se aproveitava da pobreza que via passar por suas terras. Ajudava dando trabalho a quem podia, mas sabia que não podia empregar a toda a massa de Retirantes que vagava por esse Brasil afora.

Cândido, o garoto, gostava daquele movimento todo da colheita e sabia que quando o café secasse ainda haveria a pilha de café ensacado no canto do terreiro para escalar. Sabia que quando o café fosse embora o terreiro seria só seu grande pequeno mundo. E depois da colheita ainda haveria a festa na tulha, onde por momentos os trabalhadores esqueceriam sua dura luta.

Cândido lembrará para sempre a alegria daquelas brincadeiras e festas, e também não esqueceria a autoridade e os valores humanistas do Coronel, com quem conversava por horas, enquanto chupava laranjas por ele descascadas com um afiado canivete. Mas também nunca mais esqueceria os Retirantes. O espaço aberto da fazenda o fazia amar a liberdade, e a dura vida que viu o fez respeitar para sempre o trabalho dos pobres.

Um dia, o garoto deixou o terreiro de café e foi ajudar pintores italianos que pintavam igrejas no interior do Brasil. Pintava as estrelas do teto da igreja

de Brodósqui. Nunca mais parou de pintar. Não usou os braços fortes, como os trabalhadores que conheceu e respeitou, mas usou as mãos com a mesma intensidade, trabalhando para produzir quadros e emoção, e literalmente deu a sua vida para as cores.



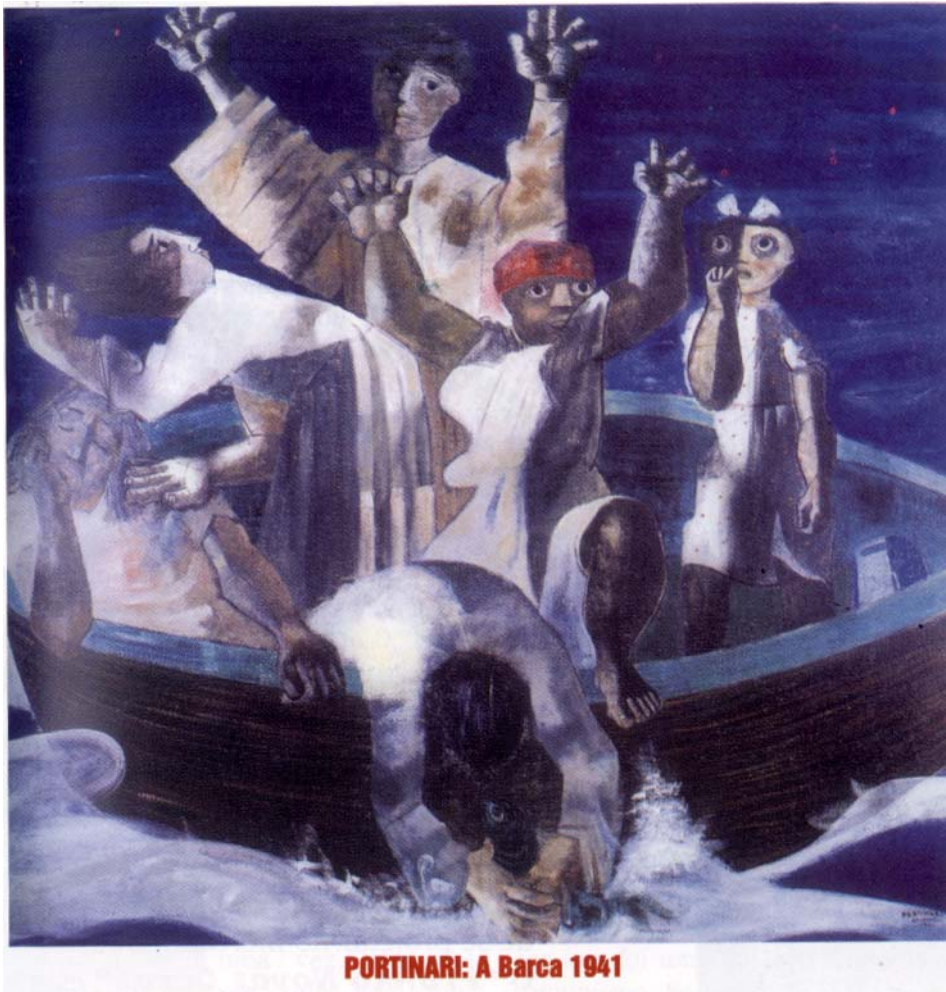
Tarsila Di Portinari, O Clone Artista é uma obstinada. Não tem medo da luta, e esse lado veio de sua parte Portinari, o homem que cresceu perto da terra, e a viu duramente trabalhada. A vida Perto da terra é uma escola que prepara para qualquer dificuldade. Prepara até para a vida nos grandes centros. Quem conheceu estes dois mundos, a terra e a grande cidade, é um privilegiado. Tarsila Di Portinari é uma mulher urbana, mas sem os estereótipos de consumo de quem só viveu nas metrópoles. E o psicanalista-crítico de arte continua analisando a vida de Portinari para entender Tarsila Di Portinari, a criação-síntese da arte brasileira.



Cândido Portinari estudou na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, e apresentava suas obras para o Salão Nacional de Belas Artes, e como os inovadores impressionistas franceses, também foi recusado! Sentiu-se orgulhoso por estar em tão boa companhia. O prêmio do salão era uma viagem de estudos à França. O esperto caipira queria a França, não os louros e não se ressentiu e fez um quadro menor, deliberadamente pior do que era capaz de fazer e levou Manuel Bandeira a comentar: “Concorreu mais de uma vez, mas foi preterido pelo modernismo de seus trabalhos, este ano fez um trabalho inferior ao dos outros anos, isso lhe valeu o prêmio”. Foi mesmo à Paris, mas nunca esqueceu suas origens e ainda lá afirmou: “A paisagem onde a gente brincou a primeira vez não sai mais da gente e eu, quando voltar, vou ver se consigo fazer a minha terra”.

A roda da vida continua e Portinari voltou e acabou fazendo parte da organização do salão com o arquiteto Lúcio Costa. Mas os inteligentes aprendem com o mal que recebem e como orientação geral do salão passou

a aceitar todos os trabalhos. Ninguém mais poderia dizer com orgulho: Fui recusado!



Portinari, chamado o “pintor social”, não poderia ser rotulado assim de forma tão simples, ele era muito mais complexo. Era na verdade um homem preocupado com os valores humanos e por isso foi um engajado defensor do comunismo. Se o tempo mostrou que como forma administrativa o comunismo estava errado, no entanto os seus dogmas, voltados para o trabalhador comum estavam corretos. O tempo destruiu o Comunismo no mundo, mas não destruiu os homens que acreditaram e morreram por esse ideal no passado. Eles eram e continuam grandes. E como eram grandes, outra não

poderia ser sua posição naquele momento. Às vezes, acreditar no errado é o necessário num dado momento, quando o erro não é claro e parece o melhor a ser feito. Portinari não poderia ter outra posição, e por seus valores foi perseguido aqui e no exterior. Foi processado no Brasil e ficou 12 anos sem expor nos EUA.



Portinari conseguiu, pintou o Brasil, sua gente, suas cores, suas mazelas sociais. Mas fez o mundo. Suas pinturas estão nas paredes da ONU, nas paredes da Biblioteca do Congresso em Washington. Os principais museus do mundo todo têm suas telas. Em 1940 o prestigioso MoMA de Nova York realizou uma exposição individual de Portinari. Em 1941 a Universidade de Chicago lançou um livro sobre sua obra. Teve várias exposições na Europa. Produziu mais de 4500 trabalhos. É considerado pela crítica internacional

como um dos mais importantes pintores do século. O poeta francês Louis Aragon disse “Na França, Portinari não é um estrangeiro”. Recebeu a Legião d’Honneur do governo Francês que adquiriu uma das obras da série “Os Retirantes” para o Museu de Arte Moderna de Paris.

Pintou os dramas sociais, o homem brasileiro, a terra trabalhada e sofrida. Em toda a sua vida esteve presente a nostalgia da infância. Pintou em paredes, telas, madeira e papel. A pintura à óleo foi o seu veículo preferido. Foi sempre um inovador. Preferia a pintura figurativa onde podia passar a emoção, mas viajava em direção ao abstracionismo e ao cubismo com influências confessadas de Picasso e do expressionismo alemão. Usou o passado como renovação, trouxe a técnica de afresco para o Brasil, e com a velha técnica clássica inovou nos temas e na emoção que passa nos grandes painéis que pintou para o Ministério da Educação. Portinari retratou a sua terra e o homem sofrido do campo, depois pintou as favelas e o sofrimento urbano. E se transformou em cidadão do mundo quando pintou os painéis “Guerra e Paz” da ONU. Mudou o seu horizonte, da pequena Brodóski, para os grandes centros urbanos do Brasil e depois para todas as terras. Mas o tema foi sempre o mesmo, a injustiça com o Homem. Disse o professor Flávio Motta: “As novas gerações devem falar com Portinari e não de Portinari, porque assim conseguiriam conhecer o clima de paixão e luta de sua época”

Portinari morreu por intoxicação causada pelas tintas que usava. Escreveu Carlos Drummond de Andrade: “Entre o cafezal e o sonho/ o garoto pinta uma estrela dourada/ na parede da capela / e nada mais resiste à mão pintora...



Último Balvante (1943 Portinari)

O psicanalista-crítico de arte diria que o clone Tarsila Di Portinari tinha herdado de Cândido Portinari os valores humanistas, a obstinação, o lirismo, a defesa dos oprimidos, o valor ao trabalho e aos trabalhadores, a criação contínua, o amor a terra, ao seu país, o desejo de inovar e sobretudo a fidelidade à si mesmo.

Tarsila Di Portinari, a herdeira genética, de Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral e Cândido Portinari seria uma mulher que não se sentiria obrigada a realizar coisas, ela as realizaria por que deseja. O seu Super Ego seria pequeno, a

sua emoção descomunal, e o bom humor estaria sempre presente. Mas isso teria a contribuição da sua parte Di Cavalcanti...

Fevereiro de 1922, o cenário é a São Paulo da era do café, exatamente no elegante edifício neoclássico do Teatro Municipal, presentes estavam Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Villa Lobos, Menotti Del Picchia. O projeto era a subversão da ordem cultural, e na platéia estava toda a burguesia conservadora paulistana, ávida por enfrentar os “futuristas”. Oswald de Andrade entrou e, antes de falar qualquer palavra, foi vaiado estrondosamente. Os artistas na verdade desejavam as vaias, se elas não houvessem, estruturas não haveriam de mudar. E Villa Lobos veio de casaca e de chinelos, a sua música parecia maluca para os educados em Verdi e Puccini. Mário de Andrade apresentava “Paulicéia Desvairada”, mais bagunça. As pinturas dos modernistas, os expressionistas brasileiros, causava susto, expostas no saguão e na escadaria do teatro onde uma grande confusão se estabeleceu. Tudo lembrava, em escala até maior, as reuniões surrealistas da França, O que não era nenhuma surpresa, numa época em que a cultura brasileira era sobretudo francesa. Essa deliciosa confusão por motivos culturais formada por vaias, gritos, confusão, nunca mais seria vista no cenário brasileiro. Feliz momento, a ordem estava quebrada, o Brasil não era mais o mesmo, enquanto Oswald de Andrade gritava “Antropofagia ou Porrada”, o academicismo naufragava.

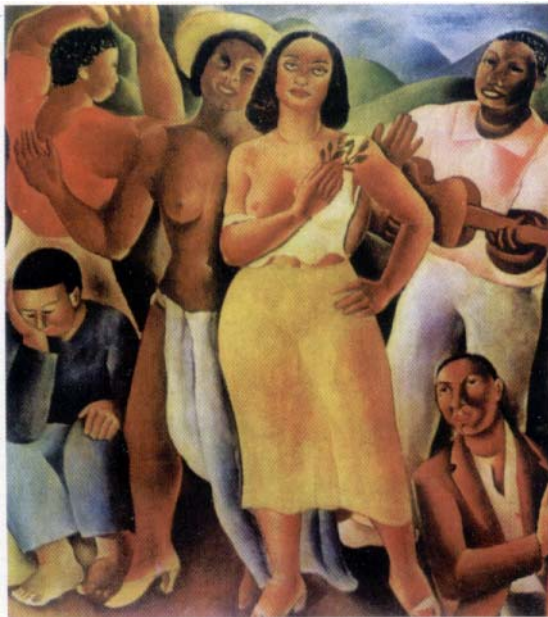
Tarsila Di Portinari, O clone Artista, a mulher síntese da arte dos brasileiros, tinha que estar presente neste movimento. E estava com todos seus componentes. Tarsila, mentalmente, havia participado das bases do projeto. Portinari não participou, mas assimilou os ideais mais tarde, como se lá estivesse. Di Cavalcanti estava presente de mente e corpo. Foi dele a idéia da Semana de Arte Moderna. Di Cavalcanti criou os catálogos e cartazes da semana e apresentou 12 quadros, junto com Anita Malfatti, Graz, Vicente do Rego Monteiro e outros.

O Psicanalista-Crítico de Arte continua à colher subsídios para analisar o singular clone, que lhe foi apresentado. Homérica tarefa, desafiante como as melhores coisas da vida. Tarsila Di Portinari, analisada por sua parte Di.

*Di lirismo,
Di sensualidade,
Di transgressão,
Di boemia,
Di vanguarda.*

Di, o “Perfeito Carioca”, nasceu em 1887, boêmio da praia, se vivesse hoje, surfaria. Em sua época surfou em diversas ondas, foi para a Europa, conheceu Picasso, Cézanne, Léger e Matisse, mas estudou também a Renascença Italiana. Quando voltou, pintou a mulher morena, o carnaval, paisagens com coqueiros, sínteses da alma brasileira. O Di que ia aos bares

mais escondidos e suspeitos do Rio também se sentia à vontade em Montparnasse ou nos cafés de Saint Germain. Di que era amigo do Conde Matarazzo mas também de Vinicius de Moraes. Di que freqüentava os salões sociais da burguesia e se filiou, ao partido comunista. Di gostava era da piada. A Semana de Arte Moderna, sua idéia, foi a grande e feliz piada, recontada e influente até hoje.



Di Cavalcanti: *Samba, 1925*
Óleo sobre tela - Coleção particular

Di Cavalcanti foi influenciado por Cézanne e Picasso, mas veio rápido em direção ao nacionalismo tupiniquim, e mais do que ninguém representa uma “Arte de Brasileiros”.



Di Cavalcanti: *Sem Título* - xilogravura

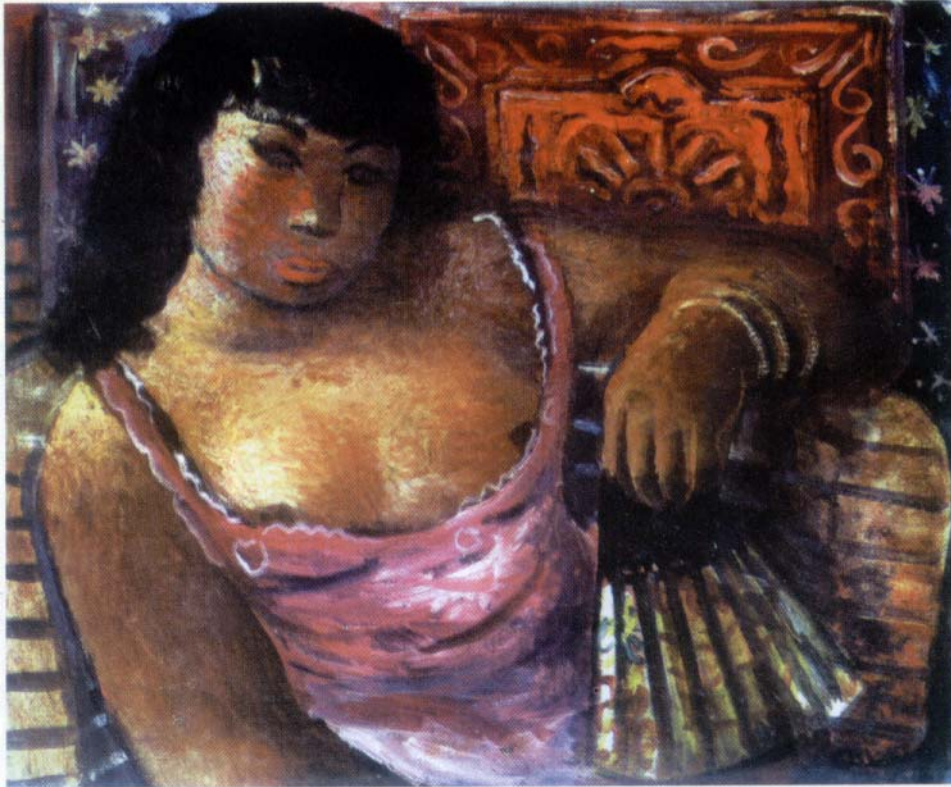
Existe uma discussão se existe uma Arte Brasileira. Este crítico acha que arte não tem nacionalidade. Não é arte brasileira, e sim arte de brasileiros, ou de alemães ou espanhóis. Na arte francesa, existiu Picasso, e Dali que eram espanhóis, existiu Max Ernst que era alemão, Van Gogh que era holandês, e muitos outros exemplos na história da arte europeia que demonstra uma influência de várias nacionalidades. Essa natureza multicultural da arte só não era maior por dificuldades de comunicação e transporte que havia no passado, que, a meu ver, era o que realmente provocava um certo regionalismo na arte. A arte “brasileira” de Di é, na verdade, impregnada de arte mundial. Di Cavalcanti soube antever a aldeia global multimídia de nossa era, e não teve medo de deixar suas influências explícitas. Em seu trabalho estão a cor do expressionismo alemão, a geometria do cubismo francês, o desenho de atelier do espanhol Picasso, a sensualidade da mulher brasileira, é arte mundial. A integração da Europa com o novo mundo veio para a América do Norte já no impressionismo que tem sua representação no EEUU.

Já aqui no sul chegou um pouco mais tarde, via expressionismo, com as mesmas marcas de Cézanne, Van Gogh e Gauguin, e mais a influência do muralismo mexicano. E Di Cavalcanti soube reunir todas estas vertentes em sua obra. Primitivismo, Picasso, Matisse, Expressionismo, Rivera, Cor, tudo presente na arte de Di Cavalcanti.

A marca de Di está no traço, mas também no uso da cor. Van Gogh usou a cor para trazer emoção forte e Di a usou para trazer o lírico e sobretudo o sensual. Faltou à Di a viagem abstrata, se fixou no figurativismo, talvez porque o real neste país torne desnecessário o abstrato.

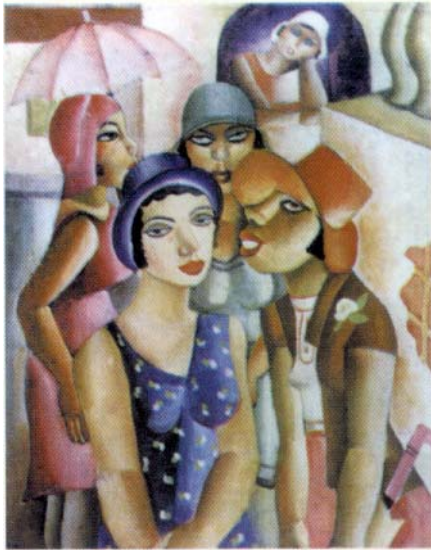
Tarsila Di Portinari, o Clone, teria um lado irônico, piadista, irreverente, que por brincadeira criaria uma nova Semana de Arte Moderna, um novo movimento que este país espera há mais de 70 anos. Ela acharia necessário acabar com a mesmice.

*É hora de quebrar as estruturas novamente,
Menos messianismo e mais criatividade,
Menos Eu e mais todos,
Menos poder e mais solidariedade,
Menos preconceito e mais compreensão,
Menos donodaverdadismo,
Menos politiquismo,
E Viva!!!
A Anarcosensibilidade,
O Sociolirismo,
O Sensualprogressismo,
A laboraliberdade,
A Pazcriatividade,
O Economosimplismo,
O Brasildetodismo,
A Liberojustiça,
Sem Porrada!*

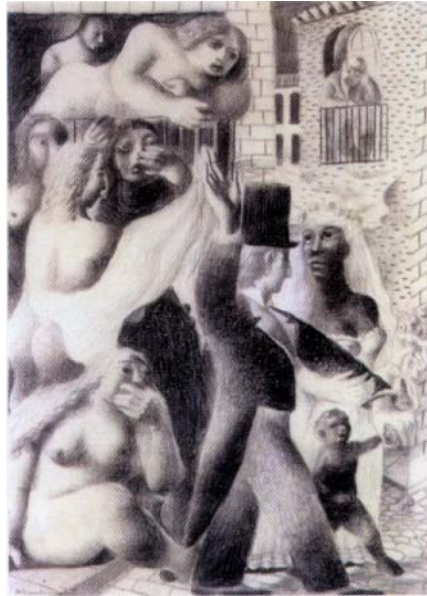


Di Cavalcanti: *Mulata com leque, 1937 - Óleo sobre tela, Coleção Gilberto Chateaubriand*

Tarsila por sua porção Di poderia levantar a maioria silenciosa. Tarsila Di Portinari falaria da escadaria de qualquer lugar, e pasmem , seria ouvida. E quando esse Clone mágico fosse ouvido, é porque é de novo hora da mudança. Para onde, não interessa o que vale é apenas o novo e o melhor. A Semana do Homem Neomoderno.



Di Cavalcanti: *Cinco Moças de Guaratinguetá - Óleo sobre tela*
Museu de Arte de São Paulo



Di Cavalcanti: *As Bodas do Poeta*
lapis sobre papel

Tarsila Di Portinari, por sua porção Di, é assim mesmo, difícil de ser analisada. O Psicanalista-Crítico de Arte, não a entendeu em sua parte Di Cavalcanti, mas a ouviu. E rápido, para não confessar sua incapacidade começou a estudar sua terceira parte, Tarsila do Amaral. Tarsila filha de fazendeiros ricos, que cresceu com o mundo parisiense rodeando sua casa de fazenda e, claro, foi à Paris estudar. Um lado convencional? - Espere só para ver!

Tarsila Di Portinari, a surpreendente personagem criada por clonagem, reúne espetacularmente em um só ser a síntese da arte pictórica dos brasileiros. Se ela tem de Portinari o humanismo, de Di Cavalcanti tem a alegria e para escolher um traço de Tarsila de Amaral, incorporou o vanguardismo. O Psicanalista-Crítico de Arte que se aventurou a analisar esse maravilhoso produto genético começou a estudar o componente Tarsila do Amaral, do clone Tarsila Di Portinari.

Agora é 1902, uma tarde quente, na fazenda do interior de São Paulo, a terra da estrada compõe com a vegetação exuberante e o céu, um quadro de cores vivas. Amarelo, azul e verde, as cores do chão, das árvores e do horizonte, em tons fortes, contrastantes, parecem fazer referência a outro contraste, uma casa européia, em meio ao trabalho do café, nesta terra sul-americana.

Naquela casa, de brasileiros, se fala francês, e uma inquieta menina, aprende com uma educadora belga. As roupas, as comidas, o corte do cabelo, os livros, os hábitos são do velho mundo. Sua família, da aristocracia rural paulista, é muito ligada à metrópole de então, a França. Estranho universo, em que é criada Tarsila do Amaral. A terra brasileira, de trabalho, força e cores, e a cultura européia, de filósofos, história e artistas únicos, que se apresentam na biblioteca da casa de fazenda. O rústico e a filosofia, o chão e a arte, criam uma atmosfera estimulante para fazer crescer em corpo e mente esta adorável menina.

O ano é 1923, enquanto no Brasil ainda fervilha as emoções da Semana de Arte Moderna, agora em Paris, Tarsila do Amaral, vive o modernismo. Em seu ateliê, na Rue du Louvre, podem ser encontrados, Satie, Cocteau, Cendrars, Léger, Lhote, Stravinski, o melhor da vanguarda européia. Tarsila, da fazenda que admira a arte do velho mundo, passa a contribuir para criar uma nova arte. Nesse mesmo ano pinta “A Negra”.

Agora é 1924, em Paris, no Café Cyrano, na Praça de Blanche, às cinco horas em ponto, se reúnem jovens para falar e discutir passadas idéias.

Qualquer idéia. Sabem que pensar é que trás a cultura, o melhor da condição

humana. Ter a possibilidade de expor e ser aceito ou contestado é um privilégio. Eles eram realmente privilegiados, poetas contestadores. André Breton, Paul Eluard, Louis Aragon e outros felizardos discutem fatos que mudarão o mundo das artes. Está criado o Surrealismo – “Automatismo psíquico puro pelo qual se pretende exprimir verbalmente, por escrito ou de qualquer outra maneira o funcionamento real do pensamento. Sugestão do pensamento livre de qualquer controle exercido pela razão, à margem de qualquer preocupação estética ou moral”. Fazem uma revolução.



Agora é 1928, em outro mundo, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Raul Bopp, em um bar conversam, e avaliam uma tela de Tarsila. Trata-se de uma

figura colossal, de pés grandes, a que chamam “Abaporú”, ou Antropófago. Está criado o Antropofagismo – “Só a Antropofagia nos une. Socialmente, Economicamente, Filosoficamente. Única lei do Mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz... Em Piratininga, ano 374 da deglutição do Bispo Sardinha”

O Paralelismo entre o modernismo brasileiro e o francês não era uma cópia como muitos pretendem, considerando que o movimento brasileiro é posterior ao francês. Já em 1923, antes do manifesto surrealista, portanto, Tarsila pinta “A Negra”, que se estivesse em discussão na roda de Breton, Aragon e Eluard, fariam tanto barulho quanto as obras dos surrealistas Max Ernst e De Chirico (Dali só chegaria ao grupo em 1929).



Estrada Ferroviária Central do Brasil
óleo sobre tela



Operários, 1923

Modernismo, Surrealismo, Antropofagismo, Futurismo, Dadaísmo, Cubismo, Fauvismo, Primitivismo, Expressionismo, Abstracionismos, tem em comum o abandono do clássico, uma mudança iniciada por Van Gogh, Cézanne e

Gauguin, depois do empurrão dado pelo Impressionismo.

Mudar é o que interessa, e Tarsila estava nesta mudança não apenas como aprendiz, mas como protagonista o que faz dela o vértice do modernismo brasileiro. Tarsila, vivendo na Europa neste tempo, cria e faz parte da vanguarda artística.

Agora é 1931 Tarsila está em viagem na Rússia, onde deixa uma obra, no prestigioso museu Hermitage de São Petersburgo. Acusada de comunismo, passa um mês na cadeia, no Brasil, por causa da viagem.

Em Tarsila Di Portinari a porção Tarsila, vinda da aristocracia, encontra agora a porção Portinari, da classe pobre e a porção Di Cavalcanti da classe média, no vértice da preocupação social. Eles, antes de tudo eram Humanistas, e acreditavam no homem e nos valores maiores de solidariedade. O rótulo comunista era um meio e não um fim em si. Naquele momento da história era essa a posição mais ética que um intelectual poderia ter. E comunistas foram Portinari, Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral. Talvez se vivessem hoje não pensariam no ideal de igual para todos, mas acreditariam que alguns podem ter muito, desde que todos tenham o necessário para uma passagem digna por este planeta.

Agora é 1939 Tarsila escreve sobre uma viagem para Ouro Preto. : “Encontrei em Minas as cores que adorava quando criança. Ensinaram-me depois que eram feias e caipiras. Segui o ramerrão do gosto apurado... Mas vinguei-me da opressão, passando-as para as minhas telas: azul puríssimo, amarelo vivo, verde cantante...”

Agora é 1995, a batida do martelo encerra o leilão. “Abaporú” é comprada por Eduardo Constantine, argentino, por 1,3 milhões de dólares. E fará parte de um museu em Buenos Aires, com a honra de estar junto, e no mesmo nível, da obra “Auto Retrato com Macaco e Papagaio” de Frida Kahlo.



Abaporu (1928).

O Psicanalista Crítico de Arte concluiria que Tarsila Di Portinari era muito complexa, e as suas possibilidades são infinitas. Reconheceu uma forte influência Européia em sua formação, o que a colocou em contacto com a historia do pensamento e criação humanos de milhares de anos, mas com a capacidade de criar. Existe uma forte ligação com a terra brasileira,...” A ligação com a terra sempre se restabelece. É um legado do processo criativo do pensamento europeu no início do século, de valorizar a Liberdade.

Tarsila que pintava as cores de Minas, encontra Di Cavalcanti, que pintava o Rio e a cor morena, encontra Portinari, que pintava a paisagem rural e o homem sofrido do campo. O Clone Artista, é um ser que conhece o mundo,

conhece a história, conhece a arte universal, mas a recria no seu país, que defende com posição ética e social.

O Psicanalista conclui sabiamente: “Não é o Clone Tarsila Di Portinari que é três, e sim Tarsila do Amaral, Cândido Portinari e Emiliano Di Cavalcanti que são apenas um; um maravilhoso ser ligado a esta terra Tupiniquim, que pintou suas cores e sua gente e que realizou a melhor criação artística dos brasileiros.